



**ABERTO PARA DES-BALANÇO: Silviano Santiago e o centenário  
modernista através das opções descoloniais<sup>1</sup>**

**OPEN TO *DIS-BALANCE*: Silviano Santiago and the modernist  
centenary through decolonial options**

**ABIERTO AL *DES-BALANÇO*: Silviano Santiago y el centenario  
modernista a través de las opciones descoloniales**

**Pedro Henrique Alves de Medeiros<sup>2</sup> & Edgar César Nolasco<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo propor uma leitura de perspectiva descolonial do modernismo brasileiro simbolizado pela Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922. Para isso, tendo em vista que a presente discussão está circunscrita pelo projeto maior de tese atravessado pela presença do escritor e crítico Silviano Santiago, utilizarei como ponto de partida tanto ensaios do referido intelectual quanto os conceitos de des-pensar de Boaventura de Sousa Santos e das opções descoloniais de Walter D. Mignolo. Nesse intento, compreendo que a premissa basilar das

---

<sup>1</sup> Este texto é a versão revisada e desenvolvida de uma primeira apresentada em congresso científico da área.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5872-1626>. Email: [pedro\\_alvesdemedeiros@hotmail.com](mailto:pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Literatura Comparada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Professor da graduação em Letras e do PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Letras), da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Líder do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) e editor chefe do periódico *Cadernos de Estudos Culturais*. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: [edgar.nolasco@ufms.br](mailto:edgar.nolasco@ufms.br) ou [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

reflexões pode ser entendida através do que Mignolo (2008) conclamou de aprender a desaprender para re-aprender muito do que aprendemos e, sobretudo, o que nos ensinaram sobre como aprender, aqui, em especial, no que se refere ao modernismo.

**Palavras-chave:** modernismo; teorização descolonial; Silviano Santiago.

**Abstract:** This work aims to propose a decolonial perspective reading of Brazilian modernism symbolized by the Modern Art Week that took place in 1922. For this, considering that the present discussion is circumscribed by the larger thesis project crossed by the presence of the writer and critic Silviano Santiago, I will use as a starting point both the essays of the aforementioned intellectual and the concepts of de-thinking by Boaventura de Sousa Santos and of Walter Mignolo's decolonial options. In this attempt, I understand that the basic premise of the reflections can be understood through what Mignolo (2008) called for to learn to unlearn to re-learn much of what we learn and, above all, what we were taught about how to learn, here, in particular, related to modernism.

**Keywords:** modernism; decolonial theorization; Silviano Santiago.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo proponer una lectura en perspectiva descolonial del modernismo brasileño simbolizado por la Semana de Arte Moderno que tuvo lugar en 1922. Para ello, considerando que la presente discusión se circunscribe al proyecto de tesis mayor atravesado por la presencia del escritor y crítico Silviano Santiago, tomaré como punto de partida tanto los ensayos del citado intelectual como los conceptos de *des-pensar* de Boaventura de Sousa Santos y de las opciones decoloniales de Walter Mignolo. En este intento, entiendo que la premisa básica de las reflexiones puede entenderse a través de lo que Mignolo (2008) llamaba a aprender a desaprender a re-aprender mucho de lo que aprendemos y, sobre todo, lo que nos enseñaron sobre cómo aprender, aquí, en particular, con respecto al modernismo.

**Palabras clave:** modernismo; teorización descolonial; Silviano Santiago.

## UMA PROPOSTA DE DES-PENSAR O Modernismo brasileiro

Terminaria a nossa conversa de hoje sobre a permanência do discurso da tradição no modernismo quase sem palavras, ou com pequenas palavras, dizendo que talvez seja irremediável o fato de, dentro da estética da ruptura característica da modernidade e do modernismo, nas vezes em que fomos buscar o traço forte da tradição, ou até mesmo o traço pouco vincado, nos aproximamos mais e mais de uma poesia, de uma produção poética que se desliga do social enquanto dimensão do histórico vivenciado pelo poeta. *Isso às vezes pode beirar – e muitas vezes beira – o neoconservadorismo.*

Silviano Santiago. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 130, grifos meus.

Dando continuidade à empreitada epistemológica descolonial de conceituar, em minha tese de doutorado articulada por vias da crítica biográfica fronteira, o que venho denominando de Brasil do pretérito imperfeito a partir do meu mineiro Silviano Santiago, debruçarei-me neste trabalho sobre reflexões que circundam o espectro do movimento modernista brasileiro, em especial, no que se refere à sua revisitação em 2022 devido à comemoração dos cem anos da Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922 no Teatro Municipal em São Paulo. Dito isso, se, na epígrafe aposta, Silviano explicita que encerra sua conversa sobre a permanência do discurso da tradição modernista, aqui, alicerço-me dos meus lastros biográficos de pesquisador sul-fronteiriço escre(vi)vendo a partir dos trópicos crepusculares de Mato Grosso do Sul no intento de delinear uma conversa epistêmica, aos moldes de Walter Mignolo, situada justamente no lugar de des-pensar o que nos ensinaram enquanto modernismo brasileiro.

Não à tona, ainda no plano da epígrafe reproduzida, grafeci o fragmento em que Silviano, mesmo que não desprendido das tradições modernas, modernistas, pós-modernas etc., sinaliza um neoconservadorismo por parte dos agentes que impulsionaram a ascensão e o desenvolvimento do modernismo por essas terras. Em suma, minha teorização de matiz fronteira enseja, no plano de uma opção biográfica e teórica de desobediência epistêmica e de desprendimento, não uma revisitação crítica do movimento – como muito se tem feito em 2022 – mas, sim, uma teorização descolonial que possibilite des-pensarmos suas pluralidades por intermédio do que venho discutindo na tese enquanto Brasil do pretérito imperfeito.

Nesse sentido, compreendo que a premissa basilar das reflexões realizadas a seguir pode ser entendida através do que Walter Mignolo conclamou de *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>4</sup>. Aliado a isso, evoco a possibilidade de des-pensar<sup>5</sup> de Boaventura de Sousa Santos apregoada à epistemologia crítico-biográfica fronteira com o objetivo de construir uma teorização com base no modernismo endossada pela lógica *outra* e não-moderna da descolonialidade.

---

<sup>4</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>5</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

Pluriversalmente ao realizado na década de 1920, entrevejo que o des-modernismo aqui evocado, é, em linhas gerais, uma conceituação descolonial que objetiva des-ler o movimento artístico, literário e político modernista não através do discurso placentário europeu coadunado pelo vínculo terceiro-mundista com o colonizador, tal qual as críticas brasileiras vêm endossando nos últimos anos através do que denominaram de revisitação crítica. Pelo contrário, delineio meu fazer teórico a partir das leituras intelectuais de Silviano Santiago, contudo, sem me enclausurar nelas, uma vez que tenho a (auto)consciência crítica que penso e escre(vi)vo à luz de uma epistemologia *outra* diversal às reflexões do meu mineiro situado epistemologicamente no entre-lugar entre a reverência e o desprendimento.

No plano maior ao qual este trabalho está inserido, minha tese de doutoramento em fase de escrita no Programa de Pós-Graduação em Linguagens (PPGEL), faz-se necessário justificar que a presença do modernismo está alcunhada pela escolha temática do des-pensar enquanto o recorte histórico possibilitador de discutir os conceitos de progresso/desenvolvimento neste país atravessado pelo pretérito/presente imperfeitos coloniais. Dessa feita, valerei-me, enquanto conceituação geral dos debates aqui propostos, do Brasil do pretérito imperfeito aliado à perspectiva de um des-modernismo aquilatado não por uma revisitação de sua gênese, ascensão e desdobramento, mas, sim, tentando trabalhá-lo pela chancela do des-pensar descolonial que reconhece suas boas intenções críticas, mas descortina também o quanto se reforçou uma lógica moderna/colonial de construção e endosso à figura do grande outro do século XX, isto é, o fomento à ideia de um universalismo abstrato criador das categorias de *anthropos* e *humanitas*.

Nesse íterim, os conceitos descoloniais arrolados se justificam ao me possibilitarem um subsídio epistemológico *outro* do modernismo objetivando descolonizar o elo colonial quase que placentário estabelecido entre seus agentes e as teorias itinerantes modernas aqui aportadas, a citar, o futurismo gerido pelo poeta italiano Filippo Marinetti e aqui levado à exaustão na década de 1920 através de sua obsessão pela velocidade, industrialização e progresso incontestes. Nessa esfera, darei início à teorização supracitada por meio das opções descoloniais discutindo o centenário da Semana de Arte Moderna, sua reverificação crítica, bem como as diferenças conceituais entre modernidade e modernismo.

Já no que concerne à obra do meu Silviano Santiago, calcarei-me, seja pela semelhança ou pela diferença, considerando nossas diferenças teóricas, em “O intelectual modernista revisitado” (2002), “A permanência do discurso da tradição do modernismo” (2002) e “Fechado para balanço” (2002). Face ao rol de textos listados, julgo necessário pontuar que sua seleção fora intermediada, em maior ou em menor grau, por uma leitura precisa dos contornos que o modernismo tivera em suas múltiplas faces, sejam essas literárias, artísticas, políticas, culturais etc. Com isso, tendo em vista que Silviano vem povoando espectralmente meus escritos desde 2017 na função de amigo político e até mesmo co-partícipe discursivo pela égide da minha predileção crítica por seu projeto intelectual, entendo que suas leituras enquanto teórico, comparatista e escritor sobre/a partir do modernismo deslindarão possibilidades diversais das discussões que intento tracejar do meu viés crítico biográfico fronteiriço.

Por fim, à maneira que explicitarei, escre(vi)vo à luz da crítica biográfica fronteiriça situada em uma razão e lógica descoloniais a fim de não endossar modernismos e modernidades, em especial, tendo a autoconsciência epistêmica de que sou um pesquisador, homem, homossexual, sul-fronteiriço escre(vi)vendo dos arrabaldes do terceiro mundo, isto é, Campo Grande, Mato Grosso do Sul da Universidade Federal do estado citado. Por isso, entendo que só uma epistemologia *outra*, e não a do si-mesmo, pode dar conta de lidar com as questões que neste trabalho busco evocar. Sendo assim, dentre os críticos que povoarão minhas tessituras epistemológicas, seja no endosso ou no pluriverso, menciono Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, Edgar Cézár Nolasco, Fernanda Dusse, Ruy Castro, Italo Moriconi, Gilberto Mendonça Teles, Mário de Andrade, Eneida Maria de Souza, Marília Rothier Cardoso, especificamente Silviano Santiago, dentre outros.

123

### RE-APRENDER O MODERNISMO cem anos depois

Se o movimento modernista enquanto ‘força fatal’, para retomar a expressão de Mário, era um fogo que ardia, *agora o modernismo é um fogo que esquentava panela.*

Silviano Santiago. Fechado para balanço, p. 97, grifos meus.

É a partir do meu biolócus espaço-temporal aportado no epicentro da comemoração do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 e, por extensão,

das querelas da crítica que tal inscrição me impõe, que escre(vi)vo este texto atravessado por uma opção eminentemente descolonial. Em outras palavras, penso, dialogo e teorizo pela conjunção entre as minhas sensibilidades biográficas (*bios*) e histórias locais (*lócus*) de pesquisador crítico biográfico fronteiro calcado nas reflexões descoloniais e pós-abissais a lume dos trópicos da fronteira-sul geostórica e epistemológica de Campo Grande no intento de conceituar o que venho trabalhando, na esteira de Silviano Santiago, enquanto Brasil do pretérito imperfeito. Há um lastro *outro* em meu discurso que me direciona para a condição de autorreflexividade<sup>6</sup> situada sempre ao Sul, isto é, *naquilo tudo* que foi apagado, invisibilizado, expurgado ou até mesmo ignorado pelo projeto pseudo-universal da modernidade/colonialidade através da insígnia de exterioridade.

Por isso, só posso estabelecer uma relação teórica com o modernismo, se for intermediada não por mais uma revisitação crítica, à maneira que o centenário modernista parece ter convocado, mas, sim, enquanto condição *sine qua non* de uma perspectiva descolonial, pela *práxis* autorreflexiva do des-pensar<sup>7</sup> pós-abissal descortinada por Boaventura de Sousa Santos e, pela aproximação estabelecida aqui por mim, levada à exaustão por Walter Mignolo pelo crivo das opções descoloniais<sup>8</sup> de *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>9</sup>. Nesse preciso sentido, tendo em vista que venho delineando um vínculo crítico e político de amizade epistêmica com Silviano desde 2017, este trabalho, transpassado o centenário de 1922, não poderia ser outro, apenas “Aberto para des-balanço” estabelecendo um intertexto teórico, na-diferença, com o meu mineiro e seu ensaio de 1982, cujas reflexões revisitaram os sessenta anos do evento de 1922 realizado em São Paulo.

Ressalvadas nossas dissemelhanças teóricas, as quais serão explicitadas no decorrer das discussões, só me resta concordar com o mineiro na epígrafe citada quando afirma que *agora o modernismo é um fogo que esquenta panela* e não mais uma “*força fatal*” tal qual a expressão de Mário de Andrade. E por uma justificativa muito simples, se há quarentena anos Silviano sinalizou as

---

<sup>6</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 66.

<sup>7</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>8</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>9</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

contradições intrínsecas ao movimento modernista, hoje, no ápice do seu centenário, tais dissonâncias nos interpolam e são passíveis de serem des-pensadas através de uma epistemologia *outra*, não-moderna aos modernistas e seus templários. Não apenas pelo distanciamento temporal, mas, primordialmente, pela chancela das opções descoloniais<sup>10</sup> que grassam das exterioridades, ainda que dessa premissa a crítica literário-artística brasileira pareça não compactuar, dado que insiste em perpetuar, com raras exceções, o coro uníssono e quase sacro do modernismo enquanto emancipação nacional, mesmo que essa suposta *brasilidade* tenha se perfilado pelo flerte vanguardista com a modernidade/colonialidade eurocêntrica. Nesse viés, Gilberto Mendonça Teles pontua:

[...] [Mário de Andrade] admite a influência das teorias futuristas. *Mas o espírito modernista e suas modas foram diretamente importados da Europa*. Faz várias referências à dialética destruição/construção do modernismo: o movimento modernista foi essencialmente destruidor. Até destruidor de nós mesmos, porque o pragmatismo das pesquisas sempre enfraqueceu a liberdade de criação. O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional.<sup>11</sup>

125

No plano da citação aposta, à maneira que expus na introdução deste trabalho, não barganho com a modernidade/colonialidade, tampouco com seus pós e filhos diletos modernistas. Não endosso o coro dos uníssonos justamente por entrever, pela égide da descolonialidade, as múltiplas exterioridades que suas *práxis* criam e perpetuam nos âmbitos literários, artísticos, culturais, sociais, políticos etc. há séculos. Partindo desse introyto, faz-se impossível que eu me debruce sobre o modernismo sem me voltar para minha formação escolar, especialmente no âmbito das artes e da literatura. Em idade colegial, ensinaram-me que o movimento de 1922 fora revolucionário, pois seus agentes impulsionadores angariavam construir uma identidade nacional através da ruptura com os “passadistas”, ou seja, os parnasianos exponenciados pela figura de Olavo Bilac. Ao fazê-lo, embeberam-se da condição de *brasilidade* intermediada pela

---

<sup>10</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>11</sup> TELES. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p. 310, grifos meus.

configuração de uma *língua brasileira* orientadora dos novos paradigmas estéticos de liberdade literária em relação às formas estáveis em vigor.

Aliando isso ao campo semântico criado por meus professores escolares em relação ao modernismo, sobressaem-se em minha memória termos como inovação, ruptura, revolução, liberdade, vanguarda, manifesto, revistas, modernidade, progresso, velocidade, nacionalismo, emancipação, dentre muitos outros os quais eu poderia aqui arrolar. Contudo, passados sete anos desde a formação escolar, consigo entrever a necessidade de, na maturidade provida pela idade adulta e pela visada *outra* das opções descoloniais, voltar-me para minha formação e questioná-la. De alguma forma, este texto se situa justamente nesse lugar, no da autorreflexividade em relação a des-aprender<sup>12</sup> e re-aprender<sup>13</sup> *muito do que aprendi e, sobretudo, o que me ensinaram sobre como aprender*<sup>14</sup>, para utilizar os termos de Boaventura de Sousa Santos. Entremeadado pelos termos semânticos comuns expostos, não só aprendi a face primária e comum do modernismo, como a ensinei na função de professor em cursinho pré-vestibular replicando à exaustão a premissa de que o movimento, de alguma forma, deu conta de “resolver” o problema da dependência cultural do/no Brasil.

Ledo engano justificado pela imaturidade etária e epistemológica, não me julgo nesse sentido por entender que no momento citado eu só tinha condições críticas de chegar naquele ponto de construção teórica. Avança-a, agora, portanto, indo além dos seus próprios limites internos ao extrapolar até mesmo as reflexões não-desprendidas do meu mineiro. Se em 1982<sup>15</sup>, Silviano fechou-se para balanço realizando uma revisitação do modernismo, ainda que apontando suas contradições, volto-me para a possibilidade de abrir o des-balanço através da crítica biográfica fronteira no intuito de teorizar a ideia de que o modernismo endossou o corolário de um Brasil ainda do pretérito imperfeito justamente por não conseguir, e até mesmo replicar, o vínculo placentário com o europeu ignorando as diferenças coloniais que a modernidade/colonialidade por aqui cravou e continua, cem anos depois, aprofundando nos mais diversos contextos.

126

<sup>12</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>13</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

<sup>14</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>15</sup> Cf. “Fechado para balanço” de Silviano Santiago.

Exemplarmente, no bojo de uma produção não-desprendida do vínculo com o europeu, Mário de Andrade, em “Arte moderna I”, pontua “Desejamos apenas ser atuais. Atuais de França e Itália como da América do Norte e de São Paulo.”<sup>16</sup>, ademais, “Queremos ser atuais, livres de cânones gastos, incapazes de objetivar com exatidão o ímpeto feliz da modernidade.”<sup>17</sup>.

Nesse intento, o des-pensar é a formulação conceitual guiada pelo pensamento pós-abissal a partir do qual lanço luz sobre a minha própria formação<sup>18</sup> de crítico predisposto a pensar de modo *outro*, para além dos gêmeos quase siameses modernidade/colonialidade. Entrevejo que minha formação, aos moldes da maioria dos brasileiros, deu-se pelo crivo das bases e paradigmas das epistemologias do Norte e das suas ciências abissais<sup>19</sup>, por isso, descolonialmente, inquire-se a necessidade de iniciar minhas reflexões através da minha própria trajetória pessoal a fim de re-aprender muito do que me ensinaram não só sobre as literaturas e as artes, mas, primordialmente, sobre os mundos possíveis<sup>20</sup>. Entretanto, julgo necessário pontuar aqui que des-aprender não pressupõe esquecer<sup>21</sup>, ignorar ou invisibilizar, à maneira que a modernidade/colonialidade encrustou em nossos corpos, mentes e saberes, mas, sim, *lembrar de um modo diferente*<sup>22</sup>. Ou melhor, retirá-las do lugar de segurança<sup>23</sup> e de institucionalização pseudo-universal monotópico o qual sempre ocuparam quase que como lugar de direito.

Redireciono-as ao lugar de desconforto<sup>24</sup> crítico ao não me enclausurar nos termos e paradigmas modernos/coloniais. Ao fazê-lo, por primar por opções

---

<sup>16</sup> ANDRADE. Arte moderna I, p. 37-38.

<sup>17</sup> ANDRADE. Arte moderna I, p. 38.

<sup>18</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>19</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>20</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

<sup>21</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>22</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>23</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>24</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.

descoloniais, crio um espaço *outro* a partir do qual abordagens e atitudes descoloniais possam surgir e co-existir com aqueles que nos ensinaram a vida toda que eram as únicas possíveis e imagináveis – e isso vale, eminentemente, para as bases ideológicas do modernismo de 1922. Explicita-se, então, a possibilidade de construir conhecimento-com<sup>25</sup> e não *sobre os supostos outros*, à maneira que o modernismo fez em relação aos indígenas, negros etc. enquanto homens, em sua maioria, burgueses, brancos e literatos que se puseram frente ao movimento paulista. No plano desse desconforto coadunado pela minha teorização crítica biográfica fronteiriça, em especial, no viés das produções artístico-literárias brasileiras modernistas não-desprendidas da modernidade/colonialidade, descortina-se a discrepância entre a prática e o afirmado nas teorias<sup>26</sup>, segundo Silviano, antipopulares<sup>27</sup> dos literatos em relação ao que endossaram como *os outros*, sejam os mencionados acima, os ditos “passadistas” ou até mesmo aqueles tornados “inimigos” por se posicionarem contrários aos ideais modernistas.

Na égide ainda da des-apredizagem, o que estou trazendo à tona, dentre outros pontos, é justamente a não-presença<sup>28</sup> efetiva desses *supostos outros*, primordialmente, dos indígenas e dos negros, sem mencionar outras pluriversalidades existenciais, como as LGBTQIA+, o traço incontestado das mulheres etc., no projeto modernista, visto que suas presenças se deram pelo crivo da alteridade, tal qual o gosto da crítica eurocêntrica<sup>29</sup>, ou melhor, da modernidade/colonialidade, de falar sempre *sobre os ditos outros*. Nesse ínterim, fazendo jus ao campo semântico de 1922, ao des-ler e re-aprender o movimento aqui encenado não pela chancela da revisitação crítica, na esteira das reflexões de Boaventura, trago ao plano da discussão o ensejo de pensar não em teorias de vanguarda<sup>30</sup>, mas, sim, de retaguarda<sup>31</sup>. Isso implica evocar teorizações que,

---

<sup>25</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.

<sup>26</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.

<sup>27</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 26.

<sup>28</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.

<sup>29</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.

<sup>30</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.

<sup>31</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.

prezando por opções descoloniais, trazam à tona *os trabalhos transformadores dos movimentos sociais questionando e comparando, sincrônica e diacronicamente, os campos simbólicos de suas articulações*<sup>32</sup> nas artes e literaturas, em especial, no Brasil.

Ao primar pela teorização de retaguarda, pluriversal às vanguardas, toma-se distância da modernidade/colonialidade sem descartar ou jogar fora (como se fosse sequer pensável ou executável!) essa tradição<sup>33</sup> que por aqui imperou, e ainda reverbera através da revisitação crítica, revestida de emancipação<sup>34</sup> nacional, uma vez que o pensamento descolonial nos inquire a compreensão de que *temos problemas modernos para os quais não há soluções modernas, ou melhor, se essas existem, já não nos servem*<sup>35</sup>. Diante disso, só posso des-ler o modernismo, se o fizer primando eminentemente pela opção descolonial, ou seja, uma perspectiva teórica que não replique a ideia de um novo universal abstrato apresentado como o único possível e verdadeiro<sup>36</sup> para todos, principalmente aqueles que habitam as fronteiras geográficas e epistemológicas dos trópicos. Enquanto escolha, possibilita-se um modo *outro* de pensamento cuja centralidade desobedece e se desprende das cronologias<sup>37</sup> imbuídas no binômio modernidade/colonialidade e seus múltiplos pós afiançados no vínculo placentário eurocêntrico.

Nesse cenário, tais paradigmas são retirados do lugar de legitimidade epistêmica<sup>38</sup> se transformando unicamente em outras eleições teóricas existentes. De maneira contrária aos ideais modernistas, a opção descolonial pressupõe a ideia de que *precisamos nos naturalizar ao invés de nos modernizar*<sup>39</sup>, isso

---

<sup>32</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.

<sup>33</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.

<sup>34</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.

<sup>35</sup> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.

<sup>36</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 15.

<sup>37</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 15.

<sup>38</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 15.

<sup>39</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 26.

implica a compreensão de que a modernidade seria apenas mais uma opção e não o prosseguimento natural do tempo<sup>40</sup>, tal qual ensinaram-nos. Ademais, salienta-se, ainda, que a opção descolonial não se dá unicamente pela égide da epistemologia, de modo pluriversal à separação sujeito/objeto apreendida no pensamento moderno/colonial, caracteriza-se enquanto uma escolha de vida<sup>41</sup> do pesquisador aquilatada pelo pensar e fazer descoloniais. No que convém a mim, pelo atravessamento do meu corpo da/na fronteira-sul a partir da qual escre(vi)vo *pari passu* ao exercício pós-abissal de des-ler minha própria formação.

Contudo, julgo importante salientar que as reflexões *outras* descortinadas nesta reflexão, em especial, no âmbito do modernismo, só são realizáveis hoje pelo advento das teorizações descoloniais emergidas a partir dos arrabaldes fronteiriços, ou seja, do Sul global introjetado em nossas sensibilidades e histórias locais de pesquisadores não-modernos respaldados por uma opção eminentemente descolonial. Somado a isso, na égide do meu des-pensar, implica-se o distanciamento temporal de cem anos das produções modernistas e o *insight outro* com base em minha consciência epistêmica fronteira em virtude da comemoração do centenário da Semana de 22 povoada de revisitações críticas que acabam por endossar mais do mesmo no bojo da razão moderna responsável por orientar os paradigmas artísticos, literários, estéticos e conceituais do movimento aqui trabalhado. A fim de não recair na lógica do mesmo, questiono, para além de Silviano em 1985, *qual é a permanência do discurso da tradição do modernismo hoje?*<sup>42</sup> Ademais, *como julgamos a tradição quando falamos do modernismo brasileiro?*<sup>43</sup>.

Para o meu mineiro, naquele momento, a questão estava centrada justamente na leitura pautada pela estética da ruptura<sup>44</sup> atribuída ao modernismo de São Paulo. Nessa esfera, as revisões realizadas se alimentaram do *make-it-new*<sup>45</sup>, o

---

<sup>40</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31

<sup>41</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

<sup>42</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

<sup>43</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 120.

<sup>44</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

<sup>45</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

novo pelo novo, calcando em 1972 a releitura do modernismo, segundo Silviano, pelo viés dada<sup>46</sup>, o que *a posteriori* se transformaria *em uma perspectiva menos inocente a qual se predisporia a questionar os pilares da modernidade*<sup>47</sup>. À maneira que se delineia na fala de Italo Moriconi em entrevista intitulada “100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922” (2022), tais perspectivas menos inocentes direcionadas a questionar os pilares da modernidade não se concretizaram através de uma perspectiva *outra*, não-moderna, dado que o intelectual alimenta a ideia de que *na versão do modernismo, a modernidade era profundamente nacional*<sup>48</sup>. Ainda, afirma que:

O modernismo criou o conceito e a prática do moderno no Brasil. A maneira como o Brasil cultural e artístico se vê a si próprio, ao longo de todo o século passado, desde a Semana de 1922, foi moldada pelo modernismo. O modernismo reviu a história brasileira e resgatou nossa herança colonial e escravocrata. Do ponto de vista da linguagem literária, o modernismo coloquializou, estabeleceu e homogeneizou o padrão linguístico nacional. Foi na língua brasileira consolidada pelo modernismo que foram escritas as maiores, mais canônicas obras literárias do século, na poesia e na prosa. De movimento iconoclástico e inovador dos anos 1920, sob a égide da Semana, o modernismo se tornou a cultura oficial do Brasil desde a gestão Capanema na Educação (que tinha a assessoria direta do poeta Drummond) no governo Getúlio. *Vale enfatizar que a modernidade na versão do modernismo brasileiro é uma modernidade profundamente nacional.*<sup>49</sup>

131

Em somatória ao fragmento citado, Italo Moriconi explicita ainda que o modernismo de 1922 se tornou não só a cultura oficial do Brasil (como se por essas terras situadas nos trópicos do Sul global só existisse São Paulo enquanto legítimo e relevante para o país), mas das universidades, uma vez que a fundação da USP em 1930 fora, em parte, consequência do movimento<sup>50</sup>. O pesquisador finaliza sua revisitação defendendo que os modernistas eram intelectuais redescobrimdo o Brasil ao mesmo tempo em que aposentavam os pontos de vistas oitocentistas. Hoje, pluriversalmente, Italo Moriconi assevera que o fenômeno em

---

<sup>46</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>47</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>48</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>49</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p, grifos meus.

<sup>50</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

questão se dá pelo crivo das próprias classes marginalizadas falando por si mesmas e não sendo “representadas” por poetas brancos que interpolavam suas vozes para falar por outrem, como mencionado a exemplo na entrevista, do “índio” dizendo sobre si mesmo<sup>51</sup>.

Isso posto, aquilatado nas opções descoloniais a fim de escre(vi)ver com base nas fronteiras que atravessam não só meu pensamento, mas meu corpo, sensibilidades biográficas e histórias locais de gente que pensa do outro lado da borda, só posso, como condição *sine qua non* de uma perspectiva *outra*, problematizar e des-ler boa parte do discurso do referido intelectual. Ainda que não aportado em uma visada epistemológica descolonial, Ruy Castro, também em 2022, explicita que “A Semana de Arte Moderna não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi.”<sup>52</sup>. Nesse preciso sentido, sem recair nas querelas da crítica ressurgidas no centenário acerca do embate Rio de Janeiro *versus* São Paulo no plano da modernização, entendo que o modernismo acabou por endossar duplamente a lógica da modernidade/colonialidade na tentativa de elucubrar uma emancipação nacional pautada na estética da ruptura, do *make-it-new* e do novo pelo novo<sup>53</sup>.

Da forma como afirmou Ruy Castro, a Semana de 1922, enquanto expoente do movimento paulista, serviu de espaço para que Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida etc. se “atualizassem”, para ele, a capital carioca não precisava passar por tal processo<sup>54</sup>. Com isso, minha problematização de desleitura, situada no seio das opções de descoloniais, extrapola qualquer limite egocentrado do ringue de batalha brasileiro entre aqueles que querem requirir para si a primigenia da modernização. Independentemente de onde emergiu a primeira faísca do *make-it-new*, a questão que se coloca em cena é justamente o endosso à razão e aos paradigmas da modernidade, sendo essa, de um viés descolonial, o outro lado da colonialidade – a relação aposta foi ignorada não só pelos

---

<sup>51</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>52</sup> CASTRO. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro, s/p.

<sup>53</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 110.

<sup>54</sup> CASTRO. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro, s/p.

modernistas “redescobrimto” as fronteiras do seu próprio país, mas, em maior grau, pela crítica brasileira que insiste em desconsiderar a questão da colonialidade do/no modernismo em suas revisitações.

Assim, Ruy Castro é pertinente à des-leitura efetuada por mim quando explicita que *a ideia de que o evento de 1922 veio a nos salvar não é verdade*<sup>55</sup>. E por justificativas que se seguem: o fato de o modernismo ter desconsiderado não só a América Latina, as fronteiras do país e o que se produzia nesses *loci*, como também por se valer de uma perspectiva eminentemente moderna/colonial para tentar emancipar nossos problemas de colonizados não através de nossos próprios corpos e pensamentos de *anthropos*, mas, sim, pela lógica do si-mesmo *humanitas* sobrepondo suas vozes de homens, brancos, dotados de privilégios econômicos e pertencentes a uma determinada elite intelectual e artística sobre os reais marginalizados. Ou seja, não houve desobediência epistêmica ou desprendimento com o vínculo placentário eurocêntrico, pelo contrário, realizou-se uma dupla retroalimentação moderna/colonial: primeiro, pelos próprios artistas e escritores do movimento, segundo, e do meu ponto de vista, mais problemático, pela crítica que nesses cem anos continua, em grande parte, por projetar no modernismo a suposta “sacralidade salvífica” da dita “benesse modernizatória” não só em São Paulo, mas no Brasil.

133

Ademais, no bojo do que elenquei sobre o modernismo ignorar as fronteiras do país, Ruy Castro conclama que *ninguém fora de São Paulo tomou conhecimento da Semana de 22 na época, ela foi importante ali onde imperava o parnasianismo*<sup>56</sup>. Já Silviano, em “Fechado para balanço” (1985), pontua que José Lins do Rego traduziu o pensamento generalizado entre um grupo de intelectuais, “Para nós do Recife, essa ‘Semana de Arte Moderna’ não existiu”<sup>57</sup>. Diante do exposto, questiono: como o modernismo e, por extensão, a crítica literário-artística que a partir dele emergiu, deram conta de emancipar o Brasil ou mesmo lidar com a dependência cultural se, até hoje, transpassados cem anos de sua

---

<sup>55</sup> CASTRO. *Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi*, diz Ruy Castro, s/p.

<sup>56</sup> CASTRO. ‘A ideia da Semana de 22 foi de Di Cavalcanti’, diz o escritor e jornalista Ruy Castro, s/p.

<sup>57</sup> REGO *apud* SANTIAGO. *Fechado para balanço*, p. 87.

Semana, ainda persistem os nós da matriz colonial de poder? De que forma se faz possível elucubrar e endossar uma modernidade nacional<sup>58</sup> por essas terras centro-metropolitanas e fronteiriças sem sequer considerar uma teorização de matiz descolonizado no bojo da formulação conceitual? São questões que me tomam de sobressalto ao des-ler minha própria formação de leitor e pesquisador aportado na visada *outra* das opções descoloniais, não faço *mea culpa* nesse intento.

De modo similar com Silviano, ainda que aportado na-diferença epistemológica, concordo com o mineiro quando afirma que *distinguir é a base da reflexão crítica, pois o fazemos para pesar elementos diferentes e melhor avaliá-los, separar o joio do trigo*<sup>59</sup>. Por isso, exerço a reflexão e, por consequência, a prática das opções descoloniais de me debruçar justamente sobre a lacuna teórica a qual a crítica brasileira ignorou não só no âmbito do modernismo, mas do Brasil atravessado pela matriz colonial de poder imperante há séculos. Na chancela da suposta *tábula rasa*<sup>60</sup> inventiva de 1922, ensejando aquilatar o novo na cultura do país, desconsiderou-se o alertado por Euclides de Cunha acerca dos perigos da homogeneização nacional<sup>61</sup>, principalmente em termos de padrões militares, e é justamente nesse lugar do si-mesmo, da universalização abstrata, do um falando pelo todo, que se situa minha *práxis* da des-leitura modernista. Calçados nessa esfera, perfilou-se uma preocupação estética exacerbada com a ruptura dos padrões parnasianos em vigor angariando a novidade nas artes e nas literaturas sem se voltar para os reais problemas modernos/coloniais de um país que se pretendia independente.

Pelo contrário, mesmo a Semana de Arte Moderna tendo sido realizada também como uma forma de comemoração dos cem anos de independência política do Brasil<sup>62</sup>, seu *modus operandi* se pautou eminentemente pelo endosso à dependência da colônia à metrópole, sendo essa premissa replicada, em geral, pela crítica revisionista do movimento. Dito de outra forma, o modernismo, dotado de

---

<sup>58</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>59</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

<sup>60</sup> SANTIAGO. O intelectual modernista revisitado, p. 193.

<sup>61</sup> SANTIAGO. O intelectual modernista revisitado, p. 193.

<sup>62</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 14.

boa vontade, embebeu-se do eurocentrismo latente quase que como filtro e legitimação do que era válido enquanto arte, literatura e conhecimento para apregoar uma ideia, não descolonizada, de Brasil e, mais do que isso, de produção artística do/no país. Tal qual expôs Oswald de Andrade: “Um pugilo pequeno, mas forte, prepara-se para valer o nosso Centenário”.<sup>63</sup> Calcado nas problematizações expostas, entendo que as reflexões descoloniais aqui delineadas só são possíveis devido ao fato da existência de formulações críticas outrora realizadas, geridas ou não pelas opções descoloniais, e permeadas no cotidiano contemporâneo<sup>64</sup> de nossos debates em um contexto global<sup>65</sup> enviesado pela colonialidade mascarada de globalização.

Então, o que se coloca em primazia no meu discurso de des-leitura se dá tanto sobre como os modernistas conseguiram ou não enxergar e lidar com a colonialidade imperante no Brasil quanto à forma que a crítica revisitou acriticamente esse fato, desprezando-o por ignorância conceitual, tendo em vista seu flerte constante com a modernidade e seus pós. Sendo assim, um dos pontos fulcrais das minhas reflexões se situa justamente naquilo que Homero Senna explicitou aferindo que os modernistas brasileiros *traçaram linhas divisórias rígidas, mas arbitrarias, entre o bom o mau, querendo destruir tudo que ficara para trás e condenando, por extensão, muito do que deveria ser salvo*<sup>66</sup>. A esse fato, correlaciono a visada pós-abissal de Boaventura quando descortina a força motriz do pensamento moderno ocidental dualista de se construir com base em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que essas fundamentam aquelas<sup>67</sup>.

Em outras palavras, a modernidade/colonialidade delinea fronteiras passíveis de definirem espaços de existência e legitimidade<sup>68</sup>, o que se situa além desses limites desaparece enquanto realidade simultânea e contemporânea

---

<sup>63</sup> ANDRADE *apud* BOAVENTURA. Introdução, p. 14.

<sup>64</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 107.

<sup>65</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 107.

<sup>66</sup> SENNA *apud* CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 22.

<sup>67</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>68</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

possível sendo relegado à insígnia do outro<sup>69</sup>. Logo, a centralidade de um pensamento de cunho abissal é justamente a impossibilidade de co-presença entre ambos os lados das linhas previamente estabelecidas<sup>70</sup>, há que se prevalecer um dos binômios enquanto realidade possível para que o outro se dissipe quase que completamente sequer enquanto opção<sup>71</sup>. É a partir disso, da problematização do pensamento binário, criador e ao mesmo tempo excludente do que é possível ou não, que as opções descoloniais emergem à luz dos pensamentos e dos corpos atravessados nas fronteiras contrapostos aos supostos ideais de modernização, emancipação, independência e ruptura do modernismo.

Assim, se, em momento anterior da tese, situei o presente brasileiro em uma matriz colonial de poder a fim de sustentar a argumentação de que a minha atualidade (2019-2022) (des)governada pelo Bolsonarismo desvela um país do pretérito imperfeito não desprendido da colonialidade, volto-me, então, para o século XX a fim de dar continuidade a essa empreitada que se encerrará *a posteriori* com o corolário de uma formação *outra* dessas terras no encerramento da tese. Com isso, intento, na conjunção dos três momentos arrolados, delinear que o Brasil continua não dando conta de lidar com a modernidade/colonialidade que imperou e continua em estado latente de execução nos mais diversos âmbitos, sejam esses políticos, artísticos, literários, sociais, culturais etc. O modernismo e, por extensão, suas revisitações a-críticas acabam por alimentar uma lógica moderna/colonial de que não conseguimos pensar por nós mesmos deste lado da linha, ou melhor, definir nossas próprias características de *brasilidades* sem o intermédio do vínculo placentário com o europeu.

136

Pelo contrário, volta-se as costas para América Latina e para as fronteiras do país reforçando um elo binário entre ex-colônia e metrópole destituído de qualquer opção descolonial, desobediência epistêmica ou desprendimento ao endossar aos grupos marginalizados seus lugares de “outros” sendo supostamente “representados” pelas vozes artísticas da elite cultural paulista, ou, para me valer dos seus próprios termos obedientes e não desprendidos, da dita *renascença*

---

<sup>69</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>70</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>71</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

*paulista*<sup>72</sup>. Isso, pois, Mário de Andrade, ao escrever sobre a arte moderna em artigo da época, afirma “Assim, ensina, com firme e profunda erudição, regras e bases, homens e feitos do futurismo, dando aos seus leitores notícias exatas sobre a nova e muitas vezes simpática renascença italiana, deixando-as [...]”<sup>73</sup> e continua “[...] porém, na mesma e eterna escuridão a respeito da renascença paulista, de que a Semana de Arte Moderna será um divertido e porventura magnífico estalão.”<sup>74</sup>. No bojo da lógica binária, paradigma sustentador da modernidade/colonialidade, trago à baila novamente Mário:

Já raciocinou sobre o chamado 'belo horrível'? É pena. O belo horrível é uma escapatória criada pela dimensão da orelha de certos filósofos para justificar a atração exercida, em todos os tempos, pelo feio sobre os artistas. Não me venham dizer que o artista, reproduzindo o feio, horrível, só porque está expressado com grandeza, comoção, arte, é desvirtuar ou desconhecer o conceito da beleza. Mas feio – pecado...<sup>75</sup>

Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical.<sup>76</sup>

Escritor de nome disse dos meus amigos e de mim que ou éramos gênios ou bestas. Acho que tem razão. Sentimos, tanto eu como meus amigos, o anseio do farol. Si fôssemos tão carneiros a ponto de termos escola coletiva, estaria por certo o 'Farolismo'. Nosso desejo: aluminar. A extrema-esquerda em que nos colocamos não permite meio-termo. Si gênios: indicaremos a seguir; bestas: naufrágios por evitar.<sup>77</sup>

Face ao exposto nos recortes supracitados, direciono minha teorização atravessada pelo des-pensar das opções descoloniais menos para seus conteúdos temáticos em si mesmos e mais para a operacionalização da razão paradigmática por trás do discurso modernista de Mário de Andrade, isto é, o binarismo

---

<sup>72</sup> ANDRADE. Arte moderna II, p. 39.

<sup>73</sup> ANDRADE. Arte moderna II, p. 39.

<sup>74</sup> ANDRADE. Arte moderna II, p. 39.

<sup>75</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>76</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 14.

<sup>77</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 24.

intrínseco à forma que o escritor formulava suas reflexões, por exemplo, nas oposições entre arte bela e horrível ou até mesmo no modo como os modernistas eram enxergados enquanto gênios ou bestas. Essa escolha temática de discussão se justifica com base na premissa descolonial de que *se busca alterar os termos da conversa e o seu conteúdo*<sup>78</sup>. Logo, nesse momento, interessa-me desvelar que por mais que a teoria basilar de 1922 fosse a estética da ruptura, desvio, ironia e transgressão dos valores passadistas<sup>79</sup>, conforme Silviano apontou, a perspectiva ideológica mascarada pelo *make-it-new* era a imanência binária da modernidade/colonialidade de definição do si-mesmo e dos supostos outros.

Ou seja, a operacionalização do dualismo entre o que era legítimo, possível, aceitável ou até mesmo existente ou não, aos moldes abissais corroborados por Boaventura. Em outras palavras, Silviano me é necessário para entender o panorama binário de 1922 ao tracejar, em relação à época, *os perfis de intelectuais intolerantes, com feições totalitárias e pouco democráticos em seus desejos revolucionários, uma vez que ensejavam modernizar o Brasil e atualizar suas artes por intermédio da destruição de seus opositos*<sup>80</sup>. Nesse sentido, sou correlato ao meu mineiro, ainda que ora ou outra ele barganhe com a modernidade e seus pós, quando descortina o *modus operandi* do pensamento modernista que, pelo crivo pluriversal das opções descoloniais localizadas especificamente na contracorrente de qualquer universal abstrato, endossa a mesma razão moderna/colonial que o alocou no lugar de subdesenvolvimento, terceiro-mundista e provinciano por emergir a partir do Sul global do planeta, assim como eu, um pesquisador homo-biográfico que escre(vi)ve com base na condição de atravessamento fronteiro epistemológico e geoistórico.

Ainda na esteira do mineiro, *toda avaliação é feita em favor de alguma coisa*<sup>81</sup> e isso se relaciona com todos os contextos artísticos, literários e críticos aqui discutidos: desde os agentes do modernismo paulista, passando pelas revisitações a-críticas no plano da colonialidade nesses cem anos transpassados até o estágio atual em que me situo des-lendo 1922 pela égide das opções

<sup>78</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.

<sup>79</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 108.

<sup>80</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 89.

<sup>81</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 96.

descoloniais. Utilizando-me dos termos de Silviano, minha avaliação aqui desenhada projeta, portanto, um caminho orientado pelas opções descoloniais que é pluriversal tanto ao modernismo em si mesmo quanto às revisitações a-críticas que dele fizeram, visto que não delinea linhas divisórias passíveis de definirem uma única “opção”<sup>82</sup> – até mesmo porque sendo singular, não se configuraria enquanto escolha, mas uma obrigatoriedade. Com tal premissa em mente, entrevê-se que é a lume de sensibilidades e histórias locais *outras* que essas opções descoloniais são passíveis de serem construídas para além da centralidade do si-mesmo.

Entrecortadas pela égide da não-obrigatoriedade, tal qual a modernidade/colonialidade vem impondo às nossas mentes e corpos fronteiriços, as opções descoloniais *esclarecerem que todas as outras eleições críticas também são escolhas e não unicamente o caminho irrevogável da história que precisa ser seguido para se obter qualquer migalha de legitimação ou existência possível*<sup>83</sup>. Desse modo, suas emergências no plano dos pensamentos e das práticas *outras* de ser, viver, pensar e escre(vi)ver entrecortado pelas fronteiras, à maneira que escre(vi)vo dos trópicos crepusculares de Campo Grande, mostram-nos a possibilidade pluriversal de que muitos mundos possam co-existir<sup>84</sup>.

Suas metas, então, esclarecem a nós, pesquisadores aportados em um paradigma *outro* do des-pensar, que as formulações críticas não podem mais se dispenderem ao coro unísono daquilo que foi supostamente “sacralizado” no âmbito das teorias enquanto a única opção disponível<sup>85</sup>, seja no caso do modernismo brasileiro, como venho me debruçando sobre, ou em termos globais dos ditos “mestres hegemônicos do conhecimento”. Esses, por sua vez, reverenciados à exaustão pelos modernistas, como Mário de Andrade em seu “Prefácio interessantíssimo”, “Você já leu São João Evangelista? Walt Whitman? Mallarmé? Verhaeren?”<sup>86</sup> e, em outro momento, “Homero já escrevera que a terra

---

<sup>82</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 14.

<sup>83</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 13.

<sup>84</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 13.

<sup>85</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 14.

<sup>86</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 09.

mugia debaixo dos pés de homens a cavalos. Mas você deve saber que há milhões de exageros na obra dos mestres<sup>87</sup>”. Ademais, ainda a exemplo da obediência ao vínculo placentário eurocêntrico de Mário, cito:

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o que autor deste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem. [...] Livro evidentemente impressionista. Ora, segundo modernos, erro grave o Impressionismo. Os arquitetos fogem do gótico como da arte nova, filiando-se para além dos tempos históricos, nos volumes elementares: cubo, esfera, etc. Os pintores desdenham Delacroix como Whistler, para se apoiarem na calma construtiva de Rafael, de Ingres, do Greco. Na escultura Rodin é ruim, os imaginários africanos são bons. Os músicos desprezam Debussy, genuflexos diante da polifonia catedralesca de Palestrina e João Sebastião Bach. A poesia... 'tende a despojar o homem de todos os seus aspectos contingentes e efêmeros, para apanhar nele a humanidade'<sup>88</sup>

Na esfera da não-desobediência e do não-desprendimento de Mário de Andrade em relação à obra dos mestres<sup>89</sup> eurocêntricos, à ilustração do que as citações apostas explicitam, entrevê-se a reafirmação do que as opções descoloniais convocam em seu bojo epistêmico como nó histórico-estrutural estético<sup>90</sup>. Esse se coaduna enquanto uma hierarquia estética no âmbito da arte, literatura e afins operado através das instituições (museus, escolas e semanas artísticas, revistas etc.)<sup>91</sup> no intuito de administrarem *os sentidos e a moldagem das sensibilidades estabelecendo normativas do que seria belo, sublime, arte e, por extensão, o que será incluído, excluído, ignorado ou premiado*<sup>92</sup>. Como reafirmação dessa estrutura estética moderna/colonial no pensamento modernista, ilustrado através de um dos seus precursores, Mário, relembro o explicitado por Silviano quando desenha em “Fechado para balanço” os perfis desses intelectuais que eram intolerantes, com feições totalitárias e quase nada democráticos em suas

<sup>87</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>88</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 08.

<sup>89</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>90</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>91</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

<sup>92</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

inquirições revolucionárias ensejando modernizar o Brasil e atualizar suas produções pelo crivo da destruição dos seus opostos<sup>93</sup>.

Por isso, quando Mário afirma que *está atrasado dos movimentos artísticos atuais por ser um passadista confesso e não liberto das teorias-avós que bebeu*<sup>94</sup>, lê-se descolonialmente seu endosso às *epistemes* e *práxis* modernas/coloniais que o situou, e continua nos localizando ainda hoje em 2022, no lugar da dependência latina, brasileira e fronteira em relação ao eurocentrismo e, mais do que nunca na atualidade capitalista, ao imperialismo selvagem estadunidense. Na égide do eurocentrismo, concebo-o não pela chancela de uma localização geográfica<sup>95</sup>, mas, eminentemente, pela égide da hegemonia de uma forma de pensar versada nos termos greco-latinos e nas línguas europeias-imperiais da modernidade colonial<sup>96</sup>. Nesse preciso sentido, compreendo que pautados no binarismo segregador, na ignorância em relação às bordas, fronteiras e margens, no alimento retroativo às epistemologias do Norte global, o modernismo e, mais do que nunca, muitas das suas revisitações acabaram, com intencionalidade ou não, reverberando a lógica moderna/colonial de paradigmas monotópicos e universais<sup>97</sup> ignorando quaisquer possibilidades pluritópicas e pluriversais<sup>98</sup> discutidas no cotidiano do século XXI pela descolonialidade.

O exposto se justifica, novamente, através de Mário quando afirma “Canto da minha maneira. Quem me importa si não me entendem? Não tenho forças bastantes para me universalizar? Paciência.”<sup>99</sup>. Ademais, pontua ainda “Costumo andar sozinho.”<sup>100</sup> e “Você está reparando de que maneira costume andar sozinho.”<sup>101</sup>. Contrariamente ao exposto pelo escritor paulista, sua “andança”

<sup>93</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 89.

<sup>94</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>95</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 301.

<sup>96</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 301.

<sup>97</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 301.

<sup>98</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 301.

<sup>99</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 24.

<sup>100</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 16.

<sup>101</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 21.

artística não se construiu de maneira solitária, mas, sim, através da reiteração da hegemonia da modernidade colonial povoada dos espectros de Walt Whitman, Mallarmé, Verhaeren, Homero, Delacoroix, Whistler, Rafael, Rodin, Debussy, Bach dentre muitos outros referenciados, quase que como uma obrigatoriedade universal para se produzir Arte ou Literatura (com iniciais maiúsculas) “legítimas” em território brasileiro. Ainda no seio da subserviência modernista ao eurocentrismo, descortinam-se artigos de jornais da época com epígrafes selecionadas por Mário de portugueses como Fr. Luís de Souza, Camões, D. Dinis e Rui Barbosa<sup>102</sup>.

Calcado nesses intertextos modernistas com a subserviência ao eurocentrismo, discordo de Mário quando responde ao seu próprio questionamento sobre sua falta de forças para se universalizar a partir da expressão “paciência”. Do modo como os exemplos citados resguardam, perfilou-se ali, na efervescência de 1922, a tentativa de formulação do novo não através daquilo que estava escondido ou invisibilizado nas fronteiras do Brasil, mas pelo crivo das teorias itinerantes que viajaram e continuam transitando dos centros globalizados para as margens do Sul global, à revelia ou não dos intelectuais dessas terras ditas “independentes” pensando supostamente a partir dos seus próprios termos críticos e artísticos. Por isso, como condição *sine qua non* de uma perspectiva fronteiriça, só posso efetuar a des-leitura aqui proposta se o fizer pela eminência das opções descoloniais emergidas das exterioridades<sup>103</sup> do mundo moderno/colonial entrecruzando em minhas teorizações os saberes, histórias locais, sensibilidades e corpos *espremidos entre as línguas e categorias do conhecimento imperial*<sup>104</sup> alimentados pelo modernismo e suas rememorações, em especial, no centenário comemorado em 2022.

Isso claro, ainda no crivo do nó histórico-estrutural estético modernista, subjaz a compreensão *outra* de que as hierarquias linguísticas caminham lado a lado às do conhecimento, das artes e das literaturas<sup>105</sup> se sobressaindo o fato de que suas expansões mundiais definiram as regras de julgamento e avaliação das

---

<sup>102</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 25.

<sup>103</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

<sup>104</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

<sup>105</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

expressões emergidas da Europa e, de maneira primordial, do mundo não-europeu<sup>106</sup>, ainda que esse, no âmbito do modernismo paulista, ensejasse a modernização como desejo vital de institucionalização e existência relevante. Recaindo ainda na necessidade de universalização, Mário de Andrade assevera que “Graça Aranha, em São Paulo, viu o que não cria existir no Brasil: um grupo de rapazes sabedores da mais recente arte universal.”<sup>107</sup>, ademais, continua afirmando que “Não se limitavam eles, porém, a conhecer as novas orientações, senão que as praticavam em obras, porque independentes de Chinas e Groelândias, perfeitamente atuais e brasileiras.”<sup>108</sup>.

Diante das assertivas proferidas pelo autor de *Pauliceia desvairada* (1922), urge a necessidade de obliterarmos a falaciosa compreensão de que a modernidade seria o conceito universal de um *período histórico do qual não podemos escapar*<sup>109</sup>. Muito pelo contrário, neste trabalho, modernidade se configura enquanto a narrativa hegemônica de um momento histórico criado pelos agentes *humanitas* que tomaram para si-mesmos o protagonismo de tudo aquilo que estivesse ao seu alcance<sup>110</sup>. Através desse lugar de manutenção do poder global, disseminou-se a suposta visão heroica e triunfante da História (com inicial maiúscula) que o eurocentrismo estaria “ajudando” a construir<sup>111</sup>, em termos geopolíticos, entende-se modernidade enquanto a cosmologia da modernidade/colonialidade e, de modo primordial na atualidade, do capitalismo imperial<sup>112</sup>. Face a esse entendimento *outro*, desenha-se a contradição inerente ao *modus operandi* modernista de querer se modernizar a todo custo pelo crivo da estética de ruptura, discutida por Silviano<sup>113</sup>, a qual se pautou de maneira

---

<sup>106</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

<sup>107</sup> ANDRADE. As duas irmãs IV, p. 57.

<sup>108</sup> ANDRADE. As duas irmãs IV, p. 57.

<sup>109</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>110</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>111</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

<sup>112</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 317.

<sup>113</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 124.

proeminente nas vanguardas europeias, como no cubismo, futurismo, dadaísmo, expressionismo etc.

Nesse ínterim, entendo que penso, escre(vi)vo e re-existo com base no atravessamento do meu corpo homo-biográfico<sup>114</sup> incrustado na fronteira-sul geoistórica e epistemológica em estado de fricção constante entre as teorizações que emergem dos preceitos não-modernos contrapostos às teorias itinerantes que por essas terras se hospedaram, à revelia de alguns e, também, pela benesse de muitos outros. Por isso, só posso teorizar com base na premissa das opções descoloniais, nunca pelo endosso acrítico não desobediente e não desprendido em relação ao Norte global que só incutiu a nós o lugar de periferia do planeta. As opções descoloniais são, portanto, a resposta epistêmica direcionada às *narrativas, mentiras e ficções das promessas de progresso, desenvolvimento e modernização que a modernidade contempla, como a violência da colonialidade*<sup>115</sup>, ignorada pelos seus defensores implacáveis no âmbito das universidades e das produções que nela se engastam, em específico, no viés de endosso à tradição do modernismo, ainda que transcorridos cem anos de sua ascensão.

Pluriversalmente ao que se reitera nos cursos das humanidades, artes e letras, como no meu caso de pesquisador formado através do endosso às epistemologias eurocentradas, mas em estado constante de desobediência e desprendimento, só posso conceber os conceitos de modernidade e seus derivados enquanto *paradigmas regionais, nunca universais, tampouco globais*<sup>116</sup>. Enquanto tal, possuem inscrutados em sua formatação o mesmo quesito valorativo de qualquer outro conhecimento<sup>117</sup> oriundo de qualquer lugar do planeta, estando situado nos centros ou nas margens, no Norte ou no Sul, nos *humanitas* ou nos *anthropos*, indiferentemente. Assim, o processo perfilado pelo eurocentrismo de relegar a si-mesmo o suposto protagonismo de tudo aparelhou em nossas mentes o

144

---

<sup>114</sup> Sobre o conceito “homo-biográfico”, consultar minha dissertação de mestrado intitulada “Entre *homo-bios-grafias* e escrevivências de Silviano Santiago: exercícios de crítica biográfica fronteiriça” disponível no repositório da CAPES.

<sup>115</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 13.

<sup>116</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 24.

<sup>117</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 24.

ideal falacioso de que *suas histórias locais eram os próprios projetos globais*<sup>118</sup>, o que, de uma visada descolonial, jamais seria sequer concebido como alternativa imaginável, dada a pluriversalidade de sua base teórica.

Trazendo a discussão delineada às palavras de Silviano, meu mineiro especifica os termos coadunados ao, dentro da tradição no modernismo, referir-se à modernidade enquanto a *tradição moderna que tem início no romantismo no final do século XVIII sendo, então, o movimento estético gerado dentro do Iluminismo*<sup>119</sup>, ao passo que define o modernismo como *a nossa própria crítica ao passadismo concretizada na Semana de 22*<sup>120</sup>. Todavia, à revelia do exposto nesta discussão de base descolonial, Silviano conclama o moderno enquanto *um termo universal, abrangente, sendo o movimento paulista bem menos abrangente e mais localizado*<sup>121</sup>. Ou seja, ainda que munido de um arsenal teórico culturalista e aberto à pós-colonialidade, dado seu projeto intelectual simbolizado, dentre outros pontos, pelo entre-lugar do discurso latino-americano, ainda sim, seu discurso de ordem culturalista não consegue transcender os limites da modernidade/colonialidade, uma vez que suas reflexões acabam por endossar, em alguma medida, a mesma lógica da razão moderna de 1922 situada na centralidade do lócus teórico hegemônico de conceber determinados conceitos como “universais” ou “regionais” se valendo do referencial geográfico como elemento basilar de definição.

Com isso, contrapondo-me, pelo crivo das opções descoloniais, tanto aos ideais universalizantes modernistas quanto a Silviano, concebo a modernidade jamais pela insígnia de *desdobramento ontológico da história, mas enquanto uma narrativa hegemônica da civilização ocidental*<sup>122</sup> gerida pelos agentes internos modernos/coloniais e endossada acriticamente pelo desprovido aparato epistemológico descolonial dos *anthropos* brasileiros – modernistas e muitos dos críticos debruçados sobre o movimento paulista. Elegendo, então, as opções

---

<sup>118</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 24.

<sup>119</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 109.

<sup>120</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 109.

<sup>121</sup> SANTIAGO. A permanência do discurso da tradição no modernismo, p. 109.

<sup>122</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

descoloniais como orientação epistemológica basilar, subjaz a compreensão *outra* de que *não há nenhuma necessidade de ser moderno*<sup>123</sup>, em outras palavras, na esteira de Walter Mignolo, incute-se *a emergência de nos desprendermos do devaneio de que nos situamos na exterioridade da história se não somos modernos*<sup>124</sup>. Em suma, a colonialidade se resguarda como pauta oculta da modernidade<sup>125</sup>, uma moeda com dois lados constitutivos um do outro<sup>126</sup>, ainda que paulatinamente as críticas revisionistas ignorem esse fato.

Coadunar, então, modernidades globais (ou nacionais, à maneira que aferiu Italo Moriconi<sup>127</sup>) implica, como condição *sine qua non*, o corolário das colonialidades globais<sup>128</sup>, tendo em mente essa consciência descolonial, ancora-se o deslindado por Mignolo de que *a modernidade precisa ser assumida tanto por suas glórias quanto por seus crimes*<sup>129</sup>. Nesse sentido, transfiro o formulado pelo argentino ao modernismo paulista asseverando o esgotamento teórico das revisitações críticas cujos matizes, em geral, acabaram por desconsiderar o emblema da colonialidade aquilatado no bojo das formulações teóricas dos seus representantes, à maneira que venho demonstrando através de Mário de Andrade. Traz-se à tona seus feitos (e eles existem, em especial, no bojo da defesa da oralidade e da aceitação da linguagem popular conclamada de *linguajar brasileiro*<sup>130</sup>), contudo, ao mesmo tempo, descortinam-se demasiadas contradições em termos de emancipação, independência, desvinculamento e suposta “identidade nacional” as quais as revisões, em geral, ignoraram em seus escritos. Voltando-me, ainda, a Mário de Andrade, cito mais uma vez seu “Prefácio interessantíssimo”:

---

<sup>123</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

<sup>124</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

<sup>125</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 01.

<sup>126</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>127</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>128</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

<sup>129</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

<sup>130</sup> CARDOSO; SOUZA. *Modernidade toda prosa*, p. 22.

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Si estas palavras frequentam-me o livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser. Sei mais que pode ser moderno artista que se inspire na Grécia de Orfeu ou na Lusitânia de Nun'Álvares. Reconheço mais a existência de temas eternos, passíveis de afeiçoar pela modernidade: universo, pátria, amor e a presença-dos-ausentes, ex-gozo-amargo-de-infelizes. Não quis também tentar primitivismo vesgo e insincero. Somos nas realidades os primitivos duma era nova. Esteticamente: fui buscar entre as hipóteses feitas por psicólogos, naturalistas e críticos sobre o primitivismo das eras passadas, expressão mais humana e livre de arte. O passado é lição para se meditar, não para reproduzir. 'E tu che sé costí, anima viva. Partiti da cotesti che son mortí'.<sup>131</sup>

Do excerto reproduzido, chamo atenção para o trecho *o passado é lição para se meditar, não para reproduzir*. Sou obrigado a concordar com Mário, ainda que concomitantemente discordando do aspecto binário e moderno/colonial norteador de seu discurso, uma vez que, pelo ensejo das opções descoloniais, só posso entrever a ideia de *escrever arte moderna* através das imagens da modernidade, isto é, das construções narrativas hegemônicas enquanto supostas realidades representadas no domínio do conhecimento<sup>132</sup>, da arte e da literatura. Isso, pois, o saber era e continua sendo, em maior ou em menor grau, ferramenta basilar de controle de autoridade e de mercadoria<sup>133</sup>, o que se torna ainda mais pertinente quando direcionado ao modernismo paulista quando nos voltamos mais uma vez ao descortinado por Silviano no plano da destruição dos opostos ao modernismo *sub judice* ao argumento da estética da ruptura ou aos múltiplos binarismos ali difundidos à exaustão.

Tais imagens narrativas criam, por extensão, o que Mignolo denomina de ontologia do mundo<sup>134</sup> implicando de maneira co-extensiva a subjetividade de ser no planeta ao tomar o conhecimento moderno como o verdadeiro em relação ao não-moderno<sup>135</sup>. Assim, fazendo jus ao campo semântico do modernismo, a

---

<sup>131</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 22-23.

<sup>132</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

<sup>133</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

<sup>134</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

<sup>135</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

retórica operante da modernidade/colonialidade transpassou demasiadas etapas consecutivas e acumulativas, sendo essas *a salvação, o progresso, o desenvolvimento, a modernização e a democracia*<sup>136</sup>. Ademais, ainda no bojo das discussões acerca do pensamento binário incutido na lógica operante do modernismo, direciono-me agora a um elemento basilar de movimentos que se pretendem vanguardistas, isto é, as revistas, em específico, a primeira do movimento de 1922, chamada Klaxon. Em texto de apresentação ao *fac-símile* da Klaxon, os autores Samuel Titan Júnior e Pedro Puntoni afirmam que *vanguarda sem revista não é vanguarda bastando percorrer a literatura do século XX para que o fato se concretize perpassando lugares como Inglaterra, Argentina, Alemanha, França e, de modo eminente, o Brasil de 1922*<sup>137</sup>.

Tendo em mente a consciência já exposta por Mignolo em *Histórias locais/projetos globais*<sup>138</sup> de que o Brasil é um país caracterizado pela abertura latente às teorias itinerantes que viajam dos centros do planeta para as bordas, margens e fronteiras, evidentemente, o cenário de 1922 não poderia ser diferente. Ainda para os autores citados, em somatória à revista, estão inclusos os manifestos, os jornais e os livros<sup>139</sup> enquanto plataformas de divulgações dos ideais “revolucionários” e “subversivos” modernistas fazendo jus ao vínculo placentário com a tradição eurocêntrica Iluminista do século XVII e muito do que “melhor” se produziu no âmbito da literatura no século XIX<sup>140</sup> através do veículo revista. Em outras palavras, o que estou teorizando a partir da significação da Klaxon para o movimento de 1922 é justamente sua correlação com uma *tradição burguesa e moderna*<sup>141</sup> a qual o modernismo se embebeu sem considerar a problemática da colonialidade escondida por trás dos preceitos modernizantes.

Dessa forma, a revista de vanguarda se difere de outras modalidades por se construir paulatinamente através de um órgão coletivo em que as múltiplas vozes

---

<sup>136</sup> MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.

<sup>137</sup> JÚNIOR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>138</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 16.

<sup>139</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>140</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>141</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

singulares compõem um coro em grupo de intelectuais<sup>142</sup> dispendidos ao objetivo de romper com seus inimigos “passadistas” assegurando a liberdade estética como premissa inegociável, ainda que para isso se ignorasse os reais problemas do país dito “independente”. Para Oswald de Andrade, a Klaxon “[...] é uma instituição séria, muito séria em meio da balbúrdia das cidades modernas, em que a gente só abre caminho a gritos roucos e apitos esquisitos.”<sup>143</sup>, além de que “[...] é um descendente direto e civilizado do maracá de nossos pais silvícolas.”<sup>144</sup>. Conforme Sérgio Buarque de Holanda assente, a publicação tomara para si o lugar de portavoza da “revolução” modernista<sup>145</sup>, segundo a intelectual Gênese Andrade, acabou por realizar um balanço do período ao considerar que os livros publicados em 1922 *constituíam a independência literária do país*<sup>146</sup>.

Diante dos fragmentos expostos, questiono: como intitular uma “independência literária do país” se os ideários supostamente “revolucionários” modernistas foram quase que na totalidade importados do continente Europeu e das suas vanguardas? Em termos específicos, de que maneira se faz plausível aproximar o termo “independência” a um movimento formatado e guiado de maneira latente pelo crivo do vínculo placentário com o eurocentrismo cujos paradigmas se respaldaram pela iminência de uma *tradição burguesa e moderna*<sup>147</sup>, ou, nos dizeres das opções descoloniais, tradição burguesa e colonial? As contradições se sobrassem em relação às conquistas de 1922, mesmo que a esse fato o coro unísono das revisitações críticas simplesmente escolha ignorar. Voltando-me à Klaxon, o termo que intitula a revista emerge como sugestão de Oswald de Andrade e é esclarecido por Menotti Del Picchia ao justificar que se refere à *buzina literária fonfonando nas avenidas ruidosas da Arte Nova*<sup>148</sup>.

---

<sup>142</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>143</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 11.

<sup>144</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 11.

<sup>145</sup> HOLANDA *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 11.

<sup>146</sup> ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 24.

<sup>147</sup> JR; PUNTONI. Apresentação, p. 07.

<sup>148</sup> PICCHIA *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 12.

Criticada por intelectuais da época, inclusive lida pela égide do futurismo, tendo em vista as aproximações entre o significado de seu nome aos corolários identitários futuristas, seus proponentes afirmavam que *não eram futuristas, KLAXON era klaxista*<sup>149</sup>. Dotado de ironia latente, Lima Barreto publica em “A careta” na data de 22 de julho: “[...] pensei que se tratasse de uma revista propaganda de alguma marca de automóveis americanos. [...] um nome tão estrambólico não podia ser senão inventado por americanos para vender o seu produto.”<sup>150</sup>. Dentre as premissas da revista, chamo atenção para sua abertura<sup>151</sup> quando elenca que “Primeiro resultado: Semana de Arte Moderna – especie de Conselho Internacional de Versalhes. Como este, a Semana teve sua razão de ser.”<sup>152</sup> e mais “Como elle: nem desastre, nem triumpho. Como elle: deu fructos verdes. [...] KLAXON não se queixará jamais de ser incompreendido pelo Brasil. O Brasil é que deverá se esforçar para comprehender KLAXON.”<sup>153</sup>.

Em face aos discursos reproduzidos, só posso estabelecer uma des-leitura pelo crivo das opções descoloniais do explicitado se o fizer através da *práxis* comparatista inerente ao meu ser de pesquisador fronteiriço e, dentre outros pontos, professor de literatura comparada na universidade periférica a partir da qual penso, re-existo e escre(vi)vo. Dito isso, no bojo dos entrecchos debruçados sobre a Klaxon, sobressaem-se, *a priori*, em minha mentalidade formatada na juventude pelos paradigmas semânticos do coro uníssono das eleições modernas termos como inovação, revolução, liberdade, vanguarda, manifesto, revistas, modernidade, progresso, velocidade, nacionalismo, emancipação, atravessado por Silviano Santiago, estética da ruptura, desvio, ironia, transgressão dos valores passadistas, *make-it-new* e novo pelo novo.

Por outro lado, saltam aos meus olhos elementos como renascença paulista, tradição burguesa e moderna, Conselho Internacional de Versalhes, modernidade

---

<sup>149</sup> REVISTA. Klaxon, s/p.

<sup>150</sup> BARRETO *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 12.

<sup>151</sup> Os fragmentos citados em seguida foram retirados da versão *fac-símile* da Klaxon, por isso optei por manter a modalidade da língua portuguesa utilizada na publicação da época.

<sup>152</sup> REVISTA. Klaxon, s/p.

<sup>153</sup> REVISTA. Klaxon, s/p.

nacional, independência literária do país, “Brasil é que deverá se esforçar para compreender KLAXON”<sup>154</sup>, dentre outros. Isso posto, questiono mais uma vez: comparativamente, de que forma conseguimos conquistar a primeira lista arrolada se a razão que orientou foi, de modo explícito, povoada pelos termos que alimentam, endossam e reproduzem uma colonialidade latente, pulsante e voraz nesses nossos trópicos tupiniquins abertos sempre à suposta novidade, ao importado, ao exterior, ao que, de fato, não nos pertencem enquanto ex-colônia e lócus independente? Ainda me valendo da Klaxon, trago à tona sua dinâmica segundo Aníbal Falcão:

‘A palestra corria animada; comentava[m]-se livros europeus, dissecava[m]-se os últimos escritos dos presentes, com vivacidade e objetivos, sem falsa indulgência, falava-se em arte e em música. O tempo passava sem que se esgotasse o assunto; a palestra continuava numa casa de chá da rua Barão de Itapetininga, prosseguia num jantar, prolongava-se à noite. Não era um cenáculo, nem uma escola, muito menos uma ‘capela’; era um laboratório de onde saía o fermento que ia transformar o espírito brasileiro, rejuvenescendo-o.’<sup>155</sup>

*Comentavam-se livros europeus, dissecavam-se os últimos escritos dos presentes, era um laboratório de onde saía o fermento que ia transformar o espírito brasileiro, rejuvenescendo-o.* Em suma, ainda que bem intencionadas, a tradição que imperava nas formulações modernistas era justamente a tentativa de “modernizar”, “transformar” e “rejuvenescer” o Brasil pelo crivo do vínculo placentário com eurocentrismo colonial/moderno, isto é, com base naqueles que em nossas terras efetuaram uma sucessão de genocídios, epistemicídios, colonialidades epistêmicas, artísticas e literárias, dentre outras barbáries desconsideradas pelos ditos “revolucionários” de 1922 e, por extensão, pelos seus revisionistas. Conforme Mário de Andrade, a Klaxon se orientava por uma *causa universal e bela, muito alta*<sup>156</sup>, já para Sérgio Buarque de Holanda, a *Semana de Arte Moderna seria aplaudida por todos os homens decentes, a nova Revista Klaxon, órgão coletivo do movimento paulista, destinara-se a um grande sucesso*<sup>157</sup>.

---

<sup>154</sup> REVISTA. Klaxon, s/p.

<sup>155</sup> FALCÃO *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 14.

<sup>156</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 21.

<sup>157</sup> HOLANDA *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 21.

Por detrás da *causa universal, bela e muito alta*<sup>158</sup> modernista, gerida por intelectuais com *vestimentas exageradamente elegantes, posições estudadas, creme, pó de arroz e carmim no rosto*<sup>159</sup> aos moldes eurocêntricos, escondia-se a pretensão do desenvolvimento, sendo esse, de um viés descolonial, *um outro termo na retórica da modernidade cuja face esconde a organização da lógica da colonialidade das formas de controle dos países terceiro-mundistas*<sup>160</sup>. Ademais, descortinou-se ainda a necessidade de modernização dos agentes de 1922 enquanto imposição, arrogância<sup>161</sup> e, de modo proeminente, a defesa pelos ataques à tradição<sup>162</sup>, em especial, aos modelos estéticos parnasianos em execução, endossando, sobremaneira, o *modus operandi* binário herdado dos *mestres do passado*<sup>163</sup> europeu, para me valer de uma expressão do próprio Mário de Andrade. Nas palavras de Silviano, e a essas ofereço endosso, o projeto basilar do modernismo foi a tentativa de atualização da arte brasileira pela chancela da escrita vanguardista e da modernização social através de um governo dito revolucionário e, ao mesmo tempo, autoritário<sup>164</sup>.

*Acabou, portanto, concretizando-se o processo de industrialização por via da opção pelo capitalismo periférico e selvagem pari passu ao abafamento de outras opções socioeconômicas dentro do que se entendia enquanto projeto de progresso*<sup>165</sup>. Perfilou-se, então, uma espécie de hibridismo<sup>166</sup> apregoando à literatura modernista paulista o caráter anfíbio<sup>167</sup> cujas bases, na superficialidade, coadunariam elementos vanguardistas europeus ao suposto projeto político de

---

<sup>158</sup> ANDRADE *apud* ANDRADE. Klaxon uma revista gritante, p. 21.

<sup>159</sup> CARETA *apud* BOAVENTURA. Introdução, p. 14.

<sup>160</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 293.

<sup>161</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 19.

<sup>162</sup> BOAVENTURA. Introdução, p. 20.

<sup>163</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>164</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86.

<sup>165</sup> SANTIAGO. Fechado para balanço, p. 86-87.

<sup>166</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>167</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

denúncia e transformação social<sup>168</sup>, conforme a intelectual Fernanda Dusse. Na perspectiva das opções descoloniais, delineou-se, mais uma vez, um cenário de subserviência e dependência dos brasileiros *anthropos* aos supostos *mestres*<sup>169</sup> eurocentrados *humanitas* os quais as presenças no movimento de 1922 serviriam como filtro de legitimação pseudo-universal do que seria considerado como Arte, Literatura, História etc. (todas com iniciais maiúsculas) relevantes no projeto de uma dita emancipação nacional. À revelia do afirmado por Italo Moriconi em 2022, não houve uma modernidade nacional<sup>170</sup> em 1922, mas, sim, a tentativa de construção nacional intermediada pelo cordão umbilical com a modernidade/colonialidade gerindo uma hibridização que, no bojo das descolonialidade, só acaba por endossar nossa dependência cultural, artística, literária e epistêmica enquanto assujeitados à exterioridade do Sul global.

Diante do exposto e me direcionando ao encerramento deste trabalho respaldado pelas minhas opções descoloniais de pesquisador fronteiro em exercício contínuo de autorreflexividade em relação a des-aprender<sup>171</sup> e re-aprender<sup>172</sup>  *muito do que aprendi e, sobretudo, o que me ensinaram sobre como aprender*<sup>173</sup>, concluo tais discussões asseverando a não subserviência das minhas teorizações aos autores da interioridade, esses não são venerados como os religiosos fazem com os textos sagrados<sup>174</sup>. E, em maior ou menor grau, à maneira que os modernistas delinearam em relação as suas bases eurocêntricas e referenciais de pensamento, arte e literatura para formular uma identidade nacional de Brasil. Eleger as opções descoloniais como premissa básica de pensamento implica, ao mesmo tempo, desobediência epistêmica e desprendimento<sup>175</sup> – conceitos que serão debatidos no subtítulo a seguir – jamais

---

<sup>168</sup> DUSSE. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago, p. 104.

<sup>169</sup> ANDRADE. Prefácio interessantíssimo, p. 12.

<sup>170</sup> MORICONI. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, s/p.

<sup>171</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>172</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>173</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>174</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>175</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

subserviência e endosso à modernidade/colonialidade, tal qual fizeram os modernistas e, mais do que nunca, seus revisionistas acrílicos em nossas universidades ainda pautadas em universalismos abstratos.

Por serem epistêmicas<sup>176</sup>, as opções descoloniais implicam o desvinculamento dos fundamentos ocidentais versados nas bases greco-romanas e nas línguas imperiais<sup>177</sup>, todavia, desvínculo não implica abandono, ignorância ou deslegitimação ao que já foi disseminado por todos os cantos do planeta<sup>178</sup> globalizado. Significa, pluriversalmente, a tomada de consciência dos des-sujeitos *anthropos* que elegem *aprender a desaprender para re-aprender*<sup>179</sup> por vias de um paradigma *outro* estabelecido pela ruptura com o vínculo placentário colonial. Intenta-se, por consequência, o estrado basilar da pluriversalidade<sup>180</sup> enquanto única condição existencial de um imaginário universal<sup>181</sup> obliterando quaisquer tentativas de universalismos abstratos que se apresentem como a única condição existente para tudo e todos, seja no âmbito dos conhecimentos, das artes, das literaturas, das políticas etc. Desse modo, encerro minhas formulações de um des-modernismo assegurando que *a era da abstração universal chegou ao fim*<sup>182</sup>, logo, o endosso ao coro unísono das críticas acrílicas também não se realiza neste trabalho, dado que penso, sobrevivo e re-existo a partir da exterioridade fronteiriça em um lócus epistêmico vis-à-vis à hegemonia que *construiu e erigiu um exterior a fim de assegurar sua própria interioridade*<sup>183</sup>.

## REFERÊNCIAS

---

<sup>176</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>177</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>178</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>179</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>180</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321.

<sup>181</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321.

<sup>182</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321.

<sup>183</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 304.

ANDRADE, Gênese. Klaxon uma revista gritante. In: REVISTA. *Klaxon*: mensário de arte moderna. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 11-37.

ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo. In: ANDRADE, Mário de. *Pauliceia desvairada*. São Paulo: Novo Século Editora, 2017.

ANDRADE, Mário de. Arte Moderna I: terno idílio. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 37-38.

ANDRADE, Mário de. Arte Moderna II: iluminações inúteis. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 39-40.

ANDRADE, Mário de. As duas irmãs IV: neblinas, neblinas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 57-58.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. Introdução: chuva de batatas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia. *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 13-28.

CARDOSO, Marília Rothier; SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidade toda prosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

CASTRO, Ruy. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/semana-de-22-nao-foi-feita-para-atualizar-o-brasil-como-dizem-que-foi-diz-ruy-castro/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

DUSSE, Fernanda. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago. In: MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar Cézár (org.). *Um livro para Silviano Santiago: entre-lugares críticos e literários*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 97-117.

JÚNIOR; Samuel Titan; PUNTONI, Pedro. Apresentação. In: REVISTA. *Klaxon*: mensário de arte moderna. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 07-09.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em:

<[http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIGNOLO, Walter. *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017a. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017b. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 10 out. 2022.

MORICONI, Italo. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922: um novo olhar sobre o movimento. 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/02/4982712-100-anos-da-semana-de-arte-moderna-de-1922-um-novo-olhar-sobre-o-movimento.html>>. Acesso em: 10 out. 2022.

REVISTA. *Klaxon: mensário de arte moderna*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.

SANTIAGO, Silviano. Fechado para balanço. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002a, p. 85-107.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002b, p. 108-144.

SANTIAGO, Silviano. O intelectual modernista revisitado. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002c, p. 193-205.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montivideo: Ediciones Trilce, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

Artigo Recebido em: 12 de outubro 2021.  
Artigo Aprovado em: 05 de dezembro de 2022.